

Sol, Lua e Talia

Autor: Giambattista Basile, século XVI

Tradução: André Carezia

Era uma vez um grande senhor que foi agraciado com o nascimento de uma filha, a quem deu o nome de Talia. Chamou os homens sábios e astrônomos de suas terras para que predissessem o seu futuro. Encontraram-se e, assessorando-se mutuamente, consultaram seu horóscopo e chegaram à conclusão de que ela correria um grande perigo devido a uma farpa de linho. Seu pai então proibiu qualquer planta de linho, cânhamo, ou qualquer outro material desse tipo em sua casa, esperando assim que escapasse do perigo.

Um dia, quando se havia convertido em uma bela jovem, Talia estava olhando através da janela e viu passar uma velha mulher fiando. Talia, que nunca tinha visto nem uma roca nem um fuso, quis ver como girava, e era tal a sua curiosidade que pediu à velha mulher que fosse até ela. Tomando a roca em sua mão, a garota começou a fiar o linho. Desgraçadamente, cravou-se uma farpa de linho debaixo da unha de Talia, e ela caiu morta ao solo. Quando a velha mulher viu o acontecido, assustou-se tanto que saiu pelas escadas e está fugindo até hoje.

Tão logo seu desgraçado pai viu o desastre que havia ocorrido, tomou-a e, depois de ser inundado pela tristeza e de derramar rios de lágrimas, tirou dali a belíssima Talia e levou-a até um de seus palácios no campo. Ali sentou-a em um trono de veludo debaixo de um dossel de brocado. Desejando apagar da memória todo o seu infortúnio, fechou todas as portas e abandonou para sempre o palácio onde havia sofrido sua grande perda.

Depois de muito tempo aconteceu que um rei caçava ali por perto. Um de seus falcões escapou de sua mão e voou ao interior do palácio através de uma janela. Como não acudisse ao chamado, o rei teve que bater à porta, crendo que o lugar fosse habitado. Mas ninguém atendeu, e então o rei mandou trazerem uma escada de vindimador, pois desejava descobrir o que havia dentro do palácio. Percorreu todos os quartos, salas e recantos, surpreendendo-se grandemente por não encontrar viva alma. Por fim abriu a porta do quarto onde Talia se achava sob o encantamento e, crendo que apenas dormia, chamou-a. Como ela continuasse inconsciente, ele tentou reanimar a bela moça, pensando que estivesse passando mal, mas não teve sucesso. Sentindo então inflamar-se seu sangue pela beleza dela, carregou-a nos braços, deitou-a na cama, beijou-a e lhe deu todo o seu amor. Deixando-a assim deitada, voltou para o seu reino e para as suas ocupações, e por um longo tempo não pensou mais naquilo que tinha acontecido.

Nove meses depois, Talia deu à luz dois filhos, um menino e uma menina, formosos como duas jóias. Duas fadas apareceram no palácio e cuidaram deles, colocando-os sobre os peitos de sua mãe. Certa vez, querendo mamar e não encontrando o mamilo, começaram a sugar o dedo de Talia. Fizeram-no tão forte que arrancaram a farpa de linho. Talia despertou assim de um longo sono e, vendo seus belíssimos filhos sobre ela, toda contente lhes deu o leite. Os bebês eram a coisa que mais queria na vida.

Talia se viu sozinha no palácio, com os gêmeos ao lado, e não sabia o que tinha acontecido com ela. Mas notou que a mesa estava posta, com comida e bebida, embora não conseguisse ver quem as tinha trazido. Enquanto isso, o rei se lembrou da bela adormecida. Tornou a caçar e, voltando ao palácio, entrou para vê-la e encontrou-a desperta com aqueles dois lindos e alegres bonequinhos. Ele se regozijou como nunca antes na vida.

Contou a Talia quem era, e como a tinha visto e entrado naquele lugar. Eles então se conheceram melhor, a amizade de ambos imediatamente se estreitou, e ele permaneceu com ela durante alguns dias. Depois desse tempo ele se despediu, prometendo que regressaria para levá-la com ele ao seu reino. E voltou ao seu reino, onde a todo momento tinha nos lábios os nomes de Talia, Sol e Lua – pois era assim que se chamavam seus filhos. Até mesmo quando estava comendo chamava-os pelos nomes. E não dormia nem acordava sem pronunciar seus nomes.

A rainha, vendo que algo estranho havia ocorrido ao seu marido durante a caçada, começou a suspeitar. Percebendo que ele não fazia outra coisa além de chamar pelos nomes de Talia, Sol e Lua, ficou furiosa de ciúmes. Chamou seu secretário e disse-lhe:

– Escuta, meu querido, tu estás entre a cruz e a espada. Se me disseres de quem o rei, meu marido, está enamorado, te farei enriquecer; e se me esconderes a verdade, te farei morrer.

O secretário, por um lado, estava assustado; por outro lado, estava ávido pela riqueza. A avareza e o medo lhe fizeram esquecer a honra, a justiça e a lealdade, e contou-lhe tudo que sabia.

Então a rainha ordenou que o secretário fosse até Talia, e lhe dissesse que o rei queria as crianças no palácio. Talia, com grande contentamento, obedeceu e enviou Sol e Lua pelo secretário, que os entregou nas mãos da rainha. Esta, que era mais venenosa que uma víbora, pediu ao cozinheiro que os matasse e cozinhasse em vários e apetitosos molhos, e os servisse para o rei comer. Mas o cozinheiro, tendo um coração terno, ao ver aquelas duas jóias formosas, sentiu compaixão e os entregou à sua esposa para que cuidasse deles. No palácio, ele preparou dois cordeiros de acordo com cem receitas diferentes.

Quando o rei chegou, a rainha, toda satisfeita, mandou servir a comida. O rei comeu com gosto, exclamando:

– Oh, como isto é bom! Que requinte! Que primor!

E ela, de quando em quando, lhe dizia:

– Come! Pois a carne que comes é tua!

Depois de ouvir isto algumas vezes, o rei se entristeceu e disse-lhe:

– Sei muito bem que eu como a carne que é minha, porque sou rei e tudo é meu, enquanto tu nada trouxeste a esta casa.

E se levantou, e foi dar uma volta pelo seu país para fazer a raiva passar.

Mas à rainha ainda não bastava o que tinha feito, e então ordenou ao secretário que trouxesse Talia ao palácio, com a desculpa de que o rei a esperava. Talia se arrumou, toda contente, e partiu o mais rápido que pôde, pois desejava com todas as forças ver o rei, sem desconfiar do que sua inimiga lhe estava preparando.

Encontrou-se diante da rainha, e esta, com o rosto deformado pela crueldade, disse-lhe com voz perversa e zombeteira:

– Ah! Ah! Bem-vinda, senhora vagabunda! Então tu és a cachorra que enganou o rei! Tu, com esse sorriso insinuante, querias tê-lo todo para ti! Já chega, madame porcina! Chegaste ao teu tribunal, pois agora vou te dar o castigo que mereces!

Talia começou a desculpar-se, dizendo que não era culpa dela, que o rei havia tomado posse das suas coisas enquanto ela estava enfeitiçada, mas a rainha não quis saber das desculpas. Acendeu uma grande fogueira no pátio do palácio, e deu ordens de botar a moça para arder. Ao ver que as coisas iam mal, Talia se ajoelhou diante da rainha e lhe disse:

– Por favor, dá-me tempo ao menos para eu tirar estas belas roupas que uso!

Não por piedade, mas porque queria ficar com aqueles vestidos bordados de ouro e pérolas, a rainha respondeu:

– Está bem, vai te despir!

Talia, então, foi se despir lentamente, e soltava um grito para cada parte da vestimenta que tirava. Tirou o manto, o casaco e a saia. No momento de remover a anágua, lançou um último grito. Depois disto, tomaram-na novamente e prepararam-se para prendê-la na estaca onde a rainha pretendia transformá-la em um montículo de cinzas. De repente, o rei apareceu e, diante daquela cena, mandou que ninguém se movesse. Queria saber o que se passava. Ao perguntar por seus filhos, a cruel rainha lhe disse:

– A isto tu não darás remédio, porque eu te fiz comê-los, e tu adoraste!

Quando o rei ouviu isto, caiu em desespero, chorando e gritando:

– Ai! Meus pobres cordeiros, então eu mesmo fui vosso lobo! Ai! Como é possível que eu não tenha reconhecido vossas carnes que tanto cheguei a acariciar? E tu, bruxa pérfida e renegada,

como é que pudeste ser mais feroz do que bestas selvagens? Mas eu não te darei tempo nem para que peças perdão pelos teus pecados!

E ordenou que a rainha fosse queimada na fogueira que havia preparado para Talia, fazendo queimar também o secretário, seu cúmplice. Mandou queimar até o cozinheiro, por haver picado e cozinhado os seus filhos. Mas o cozinheiro se atirou aos seus pés e disse:

– Senhor, seria uma fogueira a recompensa pelo serviço que prestei a ti? Farás festa de mim, enquanto sou assado preso a uma estaca? É este o bom lugar que me darás, em uma grelha com a rainha? Eu esperava algo melhor por ter salvado as tuas crianças, desobedecendo àquele coração de pedra que queria te fazer comê-las!

Ao ouvir estas palavras, o rei ficou atônito. Pensou estar sonhando, porque não podia crer no que seus próprios ouvidos lhe diziam. Voltou-se então para o cozinheiro e lhe disse:

– Se é verdade que salvaste os meus filhos, então estejas seguro de que te impedirei de girar no espeto, e te darei o poder de fazer girar o meu coração, porque quero contentar-te em todos os teus desejos, e te darei uma recompensa tão grande que serás o homem mais feliz do mundo!

Enquanto o rei pronunciava estas palavras, a esposa do cozinheiro, que tinha visto seu marido em perigo, trouxe Sol e Lua. O rei abraçou-os juntamente com Talia e, chorando de alegria, não se fartava nunca de beijá-los e acariciá-los.

Depois de haver destinado uma grande renda ao cozinheiro, e de havê-lo nomeado camareiro-mor do palácio, o rei se casou com Talia, que viveu feliz e contente para sempre com seu marido e filhos, depois de ter experimentado que até mesmo dormindo é possível ser favorecida com a sorte.

--

Traduzido a partir das versões italiana e espanhola:

[http://www.alaaddin.it/ TESORO FIABE/FA_1996/FA_XVII Sole Luna Talia.html](http://www.alaaddin.it/ TESORO FIABE/FA_1996/FA_XVII_Sole_Luna_Talia.html)

<https://bibliotecadeloscuentos.wordpress.com/2016/02/20/sol-luna-y-talia/>